

## Por que preservamos (ou não) o meio ambiente?

Estevão Brasil Ruas Vernalha | *Gestor Ambiental, Mestre e Doutorando em Planejamento de Sistemas Energéticos pela Universidade de Campinas – Unicamp*

Artigo publicado no jornal Correio de Atibaia em março de 2017.

A Alemanha iniciou os passos para que a venda de carros a combustão no país acabe em 2030, buscando reduzir emissões de CO<sub>2</sub> (um dos principais gases do efeito estufa). Noruega e Holanda sinalizam para a possibilidade de que a venda cesse em 2025. Apostam em um futuro de veículos elétricos e híbridos. Do outro lado do atlântico, Donald Trump mantém o discurso de que o aquecimento global é um mito inventado para prejudicar os EUA (o que se justificaria pelo interesse das grandes petroleiras americanas – não ver a demanda por derivados de petróleo diminuir). Muita gente repete a versão de Trump, provavelmente em função da dificuldade em lidar com as ameaças das mudanças climáticas (a ideia de que tudo é um mito lhes traria conforto mental).

Diante desta dicotomia, uma dúvida é inevitável: por que algumas pessoas (como nestes países europeus) mobilizam-se fortemente em prol da conservação ambiental, enquanto outras não dão a mínima?

Segundo a teoria da hierarquia de necessidades do psicólogo Abraham Maslow, a motivação nas pessoas manifesta-se para satisfazer o nível mais básico de necessidades humanas ainda não satisfeitas, respeitando a seguinte escala: fisiológicas, de segurança, sociais, de estima e de realização pessoal. Somente quando um nível de necessidades começa a ser satisfeito, o próximo surgirá para o indivíduo. Por exemplo, uma pessoa que ainda enfrenta dificuldades para se alimentar dignamente (necessidade fisiológica) ainda não estará muito preocupada com uma moradia extremamente adequada (segurança).

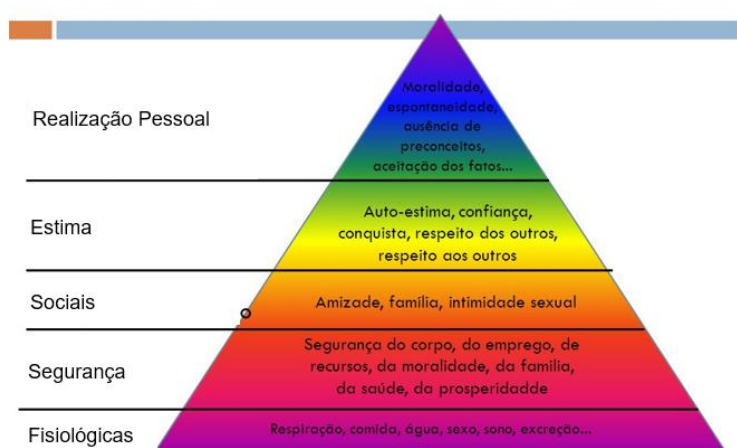


Figura 1: Pirâmide de necessidades de Maslow  
Fonte: adaptado de Universidade Federal do ABC

Ao que tudo indica, na maioria das pessoas, um forte apreço pela preservação ambiental surge somente enquanto ferramenta de auxílio na busca por realização pessoal. Este nível de necessidade impõe-se ao sujeito apenas quando os outros 4 níveis já foram satisfeitos. Parece ser a explicação preponderante para o fato de os países europeus representarem a vanguarda na preservação ambiental. Também revelaria a extrema dificuldade de esta temática ganhar atenção mundial.

Contudo, nota-se que para algumas pessoas a preservação ambiental reside em níveis mais prementes de necessidade, surgindo já no auxílio da conquista de estima ou mesmo da realização de objetivos sociais (parece ser o caso de quem adere aos movimentos de ativismo ambiental – jovens, em sua maioria). Além disso, algumas pessoas estariam deslocando a tendência conservacionista para os dois níveis mais básicos de necessidades – de segurança e fisiológicas. Seria uma reação à crescente constatação de que a degradação ambiental ameaça frontalmente a saúde da população humana.

Por fim, infelizmente ainda são poucos os que se deram conta de que o meio ambiente é uma rede sistêmica na qual o ser humano está inserido e da qual depende para satisfazer todas suas necessidades. Não deveria ser tratado como um fator externo que manejamos para satisfazê-las isoladamente. Vale dizer, esta percepção fragmentada tem conseguido gerar alguns efeitos positivos de preservação (figura 2). No entanto, somente uma propriocepção adequada do ser humano quanto à sua conexão com o sistema ambiental poderá produzir o equilíbrio necessário para a edificação de um mundo verdadeiramente sustentável (figura 3).

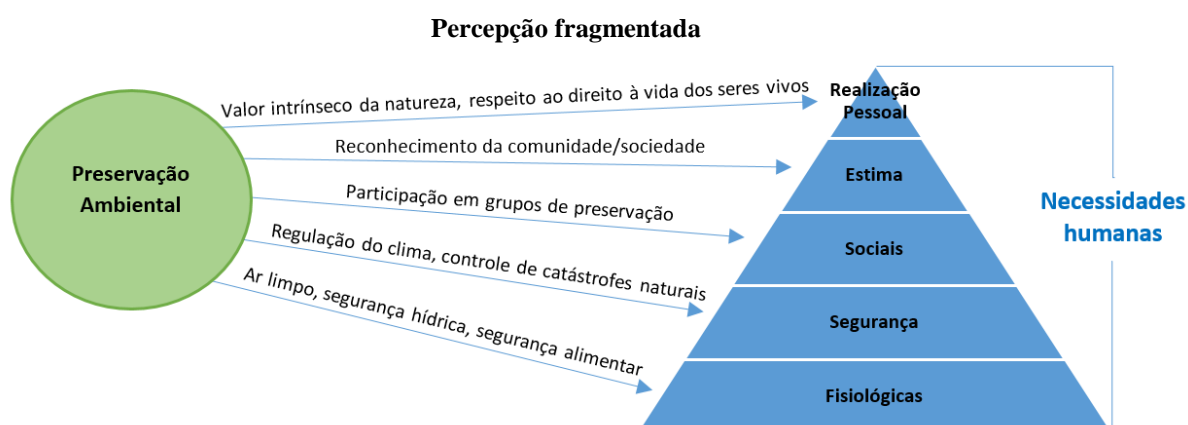


Figura 2: Preservação ambiental na satisfação de necessidades humanas – percepção fragmentada

## Percepção sistêmica

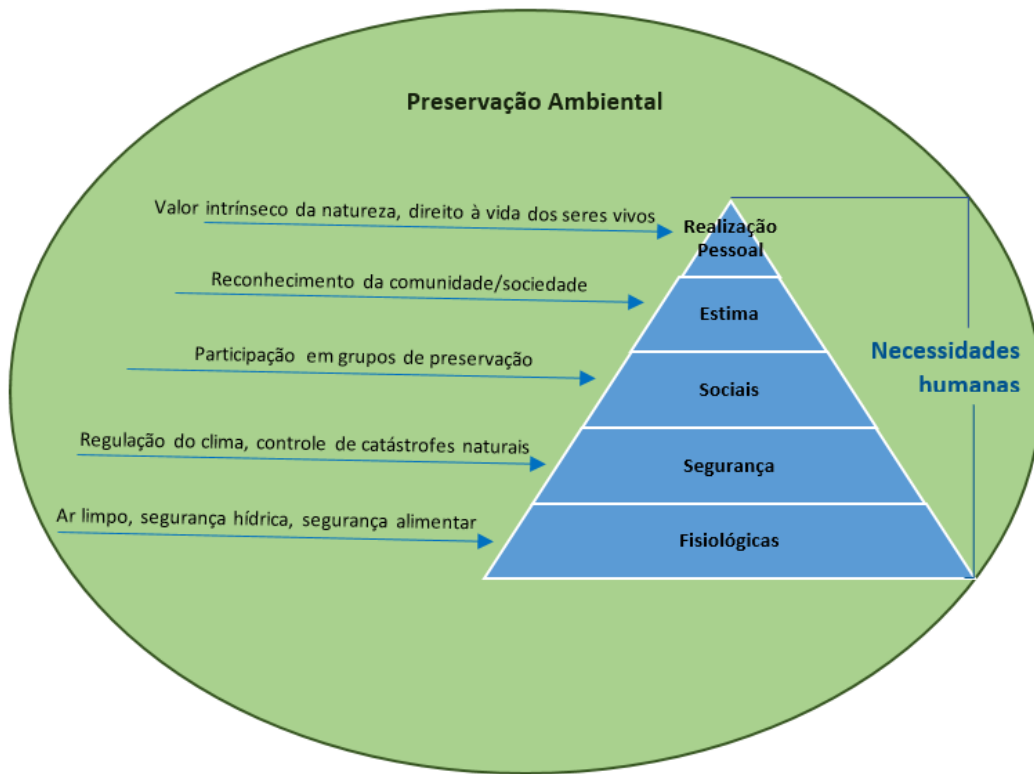


Figura 3: Preservação ambiental na satisfação de necessidades humanas – percepção sistêmica